

Esporte e política no boletim Notícias da *Guiné* (1968)

Sport and politics in Notícias da *Guiné* (1968)

Rafael Fortes

Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), onde coordena o Laboratório de Comunicação e História (www.lachi.com.br). Jovem Cientista do Nosso Estado (2015-2017) da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), tem como temas principais de pesquisa o esporte e a política. Atua também no corpo permanente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

E-mail: raffortes@hotmail.com

SUBMETIDO EM: 23/09/2014

ACEITO EM: 22/05/2015

PERSPECTIVAS

RESUMO

O artigo analisa 45 edições de *Notícias da Guiné: Boletim do Centro de Informação e Turismo da Guiné* veiculadas em 1968. Publicado por um órgão vinculado à administração colonial portuguesa, abordava vários assuntos, entre os quais o esporte. O trabalho busca responder duas questões: que representações do fenômeno esportivo aparecem no boletim? Que articulações são possíveis de estabelecer entre tais representações e a situação política na então Guiné Portuguesa? Para tanto, divide-se em três partes. A primeira tece breves considerações sobre a mídia na Guiné e descreve as características do periódico e da seção Desporto. A segunda apresenta um panorama das representações sobre o esporte, explorando o destaque dado ao futebol. A terceira aborda a política, explorando dois eixos: o uso do esporte pela administração portuguesa e os impactos da guerra colonial sobre a prática esportiva.

PALAVRAS-CHAVE: Guiné-Bissau; esporte; mídia impressa.

ABSTRACT

The article examines 45 issues of *News of Guinea: the Guinea Center for Information and Tourism* in 1968. Published by an organ of the Portuguese colonial administration, it addressed several issues, including sport. The paper seeks to answer two questions: what representations of the sport appear in the bulletin? What links can be established between these representations and the political situation in the former Portuguese Guinea? In order to do so, the article is divided into three parts. The first makes brief remarks about the media in Guinea and describes the features of the journal and its sports section. The second part provides an overview of representations of sport in the bulletin, addressing the focus on football. The third part covers politics, exploring two aspects: the use of sport by the Portuguese administration and the impacts of colonial war on sport.

KEYWORDS: Guinea-Bissau; sport; press.

Em 1968, o Centro de Informação e Turismo da Guiné (CITG), órgão da administração colonial portuguesa, começa a publicar *Notícias da Guiné: Boletim do Centro de Informação e Turismo da Guiné*. O periódico apresentava fotos e textos sobre assuntos variados relativos à Guiné, a Portugal, às demais províncias ultramarinas portuguesas e a outros países. Dentre os temas abordados, alguns receberam grande destaque, chegando a contar com uma seção fixa. Tal foi o caso do esporte.

O trabalho busca responder duas questões principais: que representações do fenômeno esportivo aparecem no periódico? Que articulações é possível estabelecer entre tais representações e a vida política na então Guiné Portuguesa?

Para respondê-las, o artigo analisa 45 edições publicadas no ano inaugural, tendo como foco a seção Desporto, que concentra a ampla maioria das menções ao tema¹. O universo corresponde às edições datadas entre abril e dezembro, numeradas de 01 a 47². Considero este número suficiente para uma primeira abordagem e para o desenvolvimento das questões citadas³.

O trabalho se insere num conjunto reduzido de estudos comunicacionais sobre a imprensa nos países africanos de língua portuguesa (Hohlfeldt *et al.*, 2011; Hohlfeldt e Carvalho, 2012)⁴. Dentro deste contexto, destaco a pouca atenção a Guiné-Bissau⁵. Além da Comunicação, há o cenário dos estudos do esporte nas ciências humanas:

poucos historiadores, sociólogos e antropólogos têm se dedicado à análise do esporte no continente como um todo. [...] Quando avaliamos a produção específica sobre o esporte em países africanos de língua oficial portuguesa, a escassez é ainda mais evidente (Marzano; Nascimento, 2013, p. 54).

Com exceção de Victor Andrade de Melo, desconheço autores que tenham se debruçado sobre o esporte na então Guiné Portuguesa. Isto se explica por variados motivos, como a pouca disponibilidade de fontes; as “vicissitudes político-militares por que tem passado o país” (Marzano e Nascimento, 2013, p. 61); e o próprio desenvolvimento do campo esportivo na colônia, onde “as condições materiais e humanas [...] não eram as mais favoráveis para uma expansão de formas desportivas modernas” (Domingos, 2011, p. 96). De acordo com Marzano e Nascimento (2013),

antes da independência, o esporte na Guiné-Bissau praticamente resumia-se a quem frequentava o liceu em Bissau, aos torneios organizados pela Mocidade Portuguesa, às atividades desportivas nas forças armadas ou nos clubes. As demais pessoas praticavam desporto ocasionalmente em equipes improvisadas

¹ Houve referências à prática desportiva em distintas seções, mas elas não foram objeto de análise neste momento.

² As edições 7 e 9 estão faltando na coleção da Biblioteca Nacional de Portugal. Os carimbos da instituição indicam que os exemplares provêm do depósito legal e em geral o datam entre cinco e seis semanas após a data da publicação.

³ *Notícias* circulou até março de 1970. Disponível em: <<http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=J402N757P5203.580247&profile=bn&source=~!bnp&view=subscriptionsummary&uri=full=3100024~!100816~!0&ri=1&aspect=subtab11&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=not%C3%83%C2%ADcias+da+guin%C3%83%C2%A9&index=.GW&uindex=&aspect=subtab11&menu=search&ri=1>>. Acesso em 6 jun. 2014.

⁴ A temática vem recebendo atenção apenas nos últimos anos, com particular apoio da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), que convidou pesquisadores de países africanos de língua oficial portuguesa para participar do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação e vem apoiando a edição de livros sobre o assunto.

⁵ Cito dois exemplos: a) a edição da revista *Ciberlegenda* com dossiê temático sobre “A relação entre Brasil, Portugal e demais países lusófonos nas pesquisas de comunicação” não contém artigos que tratem do país. Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/issue/view/37/showToc>>. Acesso em 11 jul. 2014; b) no catálogo de periódicos lusófonos disponibilizado pelo Núcleo de Pesquisa em Ciências da Comunicação (Nupecc) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), há periódicos de Angola, Cabo Verde, Goa e Moçambique. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/famecos/nupecc>>. Acesso em 14 jan. 2014.

Tendo em vista este panorama, este artigo busca contribuir para a compreensão das relações entre comunicação, esporte e administração colonial portuguesa.

O texto se divide em três partes. A primeira tece breves considerações sobre a mídia na Guiné e descreve as características do periódico e da seção Desporto. A segunda apresenta um panorama das representações sobre o esporte, explorando o lugar privilegiado destinado ao futebol. Aborda ainda as demais modalidades e a presença da fotografia na seção, destacando o foco nos clubes e nas entidades ligados à administração portuguesa. Com esta ênfase, a fonte proporciona um panorama da atividade esportiva institucionalizada na capital, Bissau. A terceira parte aborda a política, explorando dois eixos: o uso do esporte pela administração portuguesa e os impactos da guerra colonial sobre a prática esportiva.

2. Notícias e a mídia na Guiné

2.1. Contexto

Na Guiné, o periódico de referência no período anterior à criação do *Boletim* foi *O Arauto*, publicado pela Igreja Católica entre 1953 e 1968, e que encerrou suas atividades no mesmo abril em que *Notícias* começou a circular⁶. Havia então pelo menos dois outros impressos na colônia: o *Boletim Cultural da Guiné* (1946-1973) e o *Boletim Oficial da Guiné* (1951-1974)⁷. Todos eram publicados por órgãos da administração portuguesa⁸ (Melo, 2011a).

A criação de impressos e o incentivo ao esporte e ao turismo fizeram parte de um conjunto de iniciativas para desenvolver as colônias. O turismo recebeu bastante apoio no pós-Segunda Grande Guerra, tendo sido encarado pelo governo português como “uma alternativa econômica [...] rentável para as colônias” (Melo; Bittencourt, 2013, p. 73). Órgãos equivalentes em outras províncias também editavam periódicos, como o Centro de Informação e Turismo de Angola, com a revista *O Turismo*.⁹

A entrada em circulação de *Notícias da Guiné*, contudo, dá-se no final dos anos 1960, quando estava em andamento a guerra colonial (ver item 4). Este contexto pode ser percebido no amplo espaço destinado à cobertura de assuntos militares no jornal, além de lhes reservar uma seção (Boletim Informativo das Forças Armadas da Guiné)¹⁰.

Do ponto de vista sincrônico, o boletim traz vestígios de cobertura esportiva em outros veículos de comunicação, embora provavelmente não tenham sido preservadas gravações e fontes primárias que possibilitem pesquisa a respeito. Por exemplo, há

⁶ Embora não faça referência direta ao veículo extinto, percebe-se, no boletim, um tom de rivalidade em relação a ele, notadamente em um editorial. Notícias da Guiné, n. 34, 15 set. 1968, p. 01-02. Informações sobre *O Arauto* disponíveis em: <http://catalogolx.cm-lisboa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1402073483H53.11220&profile=rbml&uri=link http://catalogolx.cm-lisboa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1402073483H53.11220&profile=rbml&uri=link=3100027~!1235231~!3100024~!3100022&aspect=basic_search&menu=search&ri=3&source=~!rbml&term=Arauto+%3A+mens%C3%A1rio&index=ALTITLE>. Acesso em 06 jun. 2014.

⁷ *Notícias da Guiné*, n. 05, 09 mai. 1968, p. 07.

⁸ Os boletins oficiais eram publicações da administração portuguesa nas colônias, iniciadas em meados do século XIX (Hohlfeldt et al., 2011; Hohlfeldt e Carvalho, 2012, p. 92). O da Guiné circulou com outros nomes antes do período indicado entre parênteses. Informações sobre o Boletim Oficial da Guiné disponíveis em: <<http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=F404K9393720W.274622&menu=search&aspect=subtab11&npp=20&ipp=20&spp=20&profile=bn&ri=&term=boletim+oficial+guin%C3%A9&index=.GW&x=5&y=11&aspect=subtab11>>. Acesso em 10 jul. 2014.

⁹ *Notícias da Guiné*, n. 42, 24 nov. 1968, p. 01.

¹⁰ *Notícias da Guiné*, n. 01, 21 abr. 1968, p. 11.

uma menção a “Tribuna esportiva”, programa radiofônico da Emissora Oficial da Guiné”, que fora transmitido em 15 de abril¹¹.

Em uma ocasião, mencionou-se a dificuldade de trabalho para os jornalistas que cobriam o esporte. O jornal citou “o nosso camarada do rádio”, que discordou de

parte do Regulamento da Câmara Municipal de Bissau, recentemente publicado no Boletim Oficial e em que destina um dos sectores da Bancada Central aos Órgãos de Informação.

Na verdade, em tais condições, a nossa missão torna-se impossível, pois misturados com o público e sujeitos ao seu contacto, o trabalho da Imprensa e da rádio não pode dar o rendimento desejado (Notícias da Guiné, n. 35, 22 set. 1968, p. 07).

Trata-se de possível impacto da guerra colonial sobre o esporte: o crescimento da atuação dos órgãos de segurança se faz notar inclusive nos estádios, desalojando os jornalistas para áreas em que ficavam junto ao público, o que representava condições piores de trabalho (ver seção 4). É razoável supor que as dificuldades para cobrir eventos esportivos fossem constantes, embora o tema não fosse abordado. Aliás, costuma ser raro encontrar nos produtos midiáticos informações sobre as condições de realização da cobertura esportiva (Fortes, 2011).

No início da temporada futebolística 1968-1969, foi publicada uma foto exibindo dois jornalistas num estádio (parecendo estar à beira do campo). A legenda informava que a Emissora Oficial da Guiné iniciara “a transmissão directa de desafios de futebol”. A dupla de radialistas era “uma das equipas de trabalho”.¹² Aqui cabem dois comentários. O primeiro deles diz respeito à relação entre a cobertura midiática e o desenvolvimento de modalidades esportivas. Diversos trabalhos voltados para a história do esporte vêm apontando as relações de retroalimentação entre os campos esportivo e midiático (Fortes, 2011; Melo, 2012a).

Segundo, a tentativa de uso instrumental do esporte para manter a colonização, notável a partir dos anos 1960 (ver item 4.1). De acordo com Domingos (2011, p. 73), “os soldados portugueses formaram, de modo mais ou menos informal, equipas e clubes de futebol. Pelos seus rádios ouviam-se transmissões de jogos do campeonato metropolitano, muitas vezes acompanhados também por populações locais”. A decisão de iniciar as transmissões ao vivo do campeonato local – com já se fazia com o metropolitano – pode ser lida como uma medida por meio da qual a administração portuguesa buscava parecer simpática à população. Contudo, tal iniciativa também pode ser interpretada por outro viés: uma conquista da população guineense, cujo interesse pelo esporte em alguma medida pauta a programação da emissora oficial. As possibilidades não são excludentes.

2.2. Características gerais do boletim

A capa da edição inaugural afirma: “modesto na sua apresentação, é grande no objetivo primário que pretende atingir: fazer o registo do dia a dia da vida da portuguesa Província da Guiné.”¹³ Sobre a periodicidade, informa: “este boletim de notícias aparecerá semanalmente, aos Domingos. Depois... Deus dirá”¹⁴. O editor se refere ainda às condições relativamente precárias para a produção do veículo, que resulta “modesto”

¹¹ Notícias da Guiné, n. 02, 28 abr. 1968, p. 07.

¹² Notícias da Guiné, n. 44, 08 dez. 1968, p. 05.

¹³ Notícias da Guiné, n. 01, 21 abr. 1968, p. 01.

¹⁴ Notícias da Guiné, n. 01, 21 abr. 1968, p. 02.

em termos estéticos e de formato. A segunda edição traz novas informações sobre o processo de produção:

Sobre o Centro de Informação e Turismo caiu a incumbência de lhe dar realização [à “necessidade de um novo órgão informativo escrito”]. Havendo consciência da falta quase completa de estruturas que pudessem garantir uma execução normal da tarefa, houve que apelar para o espírito de generosidade de vários elementos e sectores (Notícias da Guiné, n. 2, 28 abr. 1968, p. 01-02).

Além de explicitar que a criação do periódico não foi uma iniciativa daqueles que vieram a produzi-lo nem do órgão ao qual estava vinculado, mas uma decisão de autoridades superiores, o editorial refere-se ao esforço “muito grande” para fazer o primeiro número e agradece os colaboradores e a tipografia que o imprimiu. Quem o assina é “José Manuel Marques Palmeirim, Encarregado do Governo”.

“Composto e impresso na Imprensa Oficial da Guiné – Seção do Boletim Oficial”, *Notícias da Guiné* era vendido nas ruas, embora os números iniciais não estampassem o preço.¹⁵ O total de páginas variava: 8, 12, 16 e, às vezes, 20. Publicado em formato tabloide, passou a ter um tamanho maior (em largura e comprimento) em setembro¹⁶.

Em maio, começou a circular duas vezes por semana (às quintas e domingos), a oferecer a possibilidade de assinatura e a estampar o preço.¹⁷ A periodicidade bissemanal se observou até meados de julho, quando, sem aviso, voltou a circular uma vez por semana. Entre outubro e dezembro, algumas edições foram publicadas com intervalo de duas semanas.

Havia anúncios de produtos (como automóveis) e serviços (medicina, odontologia, importação e exportação, hotelaria, sessões de cinema), além de avisos particulares (por exemplo, um cidadão tornando público que não era mais válida a procuração que dera a um advogado) e classificados. A partir de agosto, ocorre aumento significativo da publicidade, tanto na quantidade de anúncios quanto na variedade de produtos e serviços: tipografia, produtos higiênicos e de saúde, instalações elétricas, médico, escola privada, editais etc.¹⁸

2.3. A seção “Desporto”

A seção Desporto ocupou uma página da edição inaugural e foi apresentada desta forma:

O nosso Boletim falará, quando lhe for possível, das coisas do Desporto. Abordará assuntos, tocará casos, apontará defeitos, exaltará virtudes. Tudo dentro da melhor intenção: algo fazer para o bem do desporto local. Este desporto que, na presente conjuntura, está atravessando época de mau caminho e de mau signo. Será tempestade em copo de água.

O meio desportivo guineense é difícil. Difícil por ter ambiente de trazer por casa, por serem sempre as mesmas gentes, atletas, dirigentes, etc. De domingo a domingo fica a recordação do mau passo dado por certos indivíduos e, nesse acumular de ressentimentos, quem sofre as consequências é ele o Desporto... Aqui estaremos, pois, para darmos ao Desporto o apoio que ele bem merece (Notícias da Guiné, n. 01, 21 abr. 1968, p. 05).¹⁹

¹⁵ *Notícias da Guiné*, n. 02, 28 abr. 1968, p. 05.

¹⁶ *Notícias da Guiné*, n. 34, 15 set. 1968.

¹⁷ *Notícias da Guiné*, n. 08, 19 mai. 1968, p. 03.

¹⁸ *Notícias da Guiné*, n. 31, 25 ago. 1968.

¹⁹ Havia uma continuação da seção (com resultados de jogos) na p. 11. Era comum as seções ocuparem páginas não-subsequentes.

Primeiro, destaco a declaração de boas intenções, somada ao elencar de dificuldades. Segundo, a linguagem um tanto cifrada, que não alude a episódios e pessoas específicos, mas deixa entrever um ambiente de fofocas e maledicências entre conhecidos.

Em alguns números, *Desporto* ocupou uma página dupla²⁰. Em geral, sua estrutura obedecia à divisão observada em outras seções: “Da Guiné” e “Da Metrópole”. A primeira consistia em reportagens, relatos de jogos e resultados relativos à colônia. Na segunda, basicamente apareciam resultados do futebol profissional em Portugal (primeira e segunda divisões) e da loteria esportiva (Totobola). A partir de julho, uma terceira subdivisão – “Do Ultramar”, dando conta das demais colônias – aparece intermitentemente.²¹

Com o passar dos meses, a seção incorpora conteúdo variado: às reportagens, notas e fotos, somam-se os passatempos (desafios como caça-palavras e palavras-cruzadas), os “gracejos” (notas curtas de humor tendo como tema o esporte) e os “retalhos do desporto” (informações sobre jogadores e equipes do passado) (Canhão, 27 jun. 1968, p. 10).

Nos três meses iniciais, boa parte dos textos e das imagens foi publicada sem crédito. O primeiro passatempo desportivo identificou um dos colaboradores:

Carlos Correia, homem inteiramente dedicado às coisas desportivas, e que desde o primeiro momento em que publicamos o “Notícias da Guiné” nos tem acompanhado de perto e fornecido, de quando em vez, “material” desportivo que muito temos apreciado (aqui lhe deixamos o nosso muito obrigado) surge-nos com outra faceta: a de autor de trabalhos recreativos mas integrados na panorâmica desportiva. É esse primeiro trabalho que vamos publicar a seguir. O leitor fará o favor de preencher tudo conforme se indica. Depois se verá até onde vão os seus conhecimentos! (Notícias da Guiné, n. 08, 19 mai. 1968, p. 11).

Em *Desporto*, poucos eram os textos assinados, tornando difícil saber se alguém, além de Correia e de Mateus Canhão²², produzia a seção. O conhecimento de caráter enciclopédico do primeiro possibilitou que, além dos passatempos de diferentes tipos, publicasse uma “História da Taça Jules Rimet”²³. Dividida em duas edições, consistia em uma lista de escalões e resultados de Copas do Mundo de Futebol²⁴.

3. Representações do desporto

3.1. Futebol

O futebol ocupava a maior parte do espaço em *Desporto*. Os textos consistiam principalmente de relatos de partidas²⁵ disputadas entre clubes guineenses, fossem por campeonatos (Taça da Guiné, Campeonato do Defeso, Torneio de Encerramento etc.) ou amistosas. Jogos e eventos comemorativos recebiam bastante cobertura, com reportagens longas e acompanhadas de fotos, especialmente quando se tratava do aniversário de fundação dos clubes. Partidas de juniores e convites e perspectivas de receber agremiações de *fora* (de Portugal e Angola) para realizar partidas amistosas

²⁰ *Desporto* chegou a ocupar três páginas inteiras em uma edição. *Notícias da Guiné*, n. 27, 28 jul. 1968, p. 06, 07, 11.

²¹ *Notícias da Guiné*, n. 26, 21 jul. 1968, p. 06-07.

²² Assinou algumas matérias a partir de meados do ano.

²³ Este texto e o conteúdo de alguns passatempos sugerem que o autor guardasse um arquivo com recortes e/ou anotações de informações esportivas: num dos passatempos, a solução apontaria “a equipa da seleção da Guiné, que no ano de 1952 se deslocou a Dakar” (Correia, 18 ago. 1968, p. 13).

²⁴ *Notícias da Guiné*, n. 24, 14 jul. 1968, p. 07; *Notícias da Guiné*, n. 25, 18 jul. 1968, p. 06.

²⁵ E tabelas de classificação, escalões etc.

também eram noticiados.

Quanto aos formatos de texto, havia reportagens; notas curtas (“notícias em poucas linhas”²⁶ ou “notícias em duas linhas”²⁷); e a reprodução de trechos de comunicados emitidos pela Associação Provincial de Futebol da Guiné (APFG)²⁸.

Estes, em geral, chamavam a atenção para determinações e regras, especialmente quanto à organização de torneios. Em outubro, por exemplo, o boletim reproduziu a expectativa da entidade de que haveria “várias competições a realizar [na temporada 1968-69]” que começaria naquele mês, com o Torneio Início.

Não foi possível precisar que relações pessoais e/ou profissionais havia entre aqueles que faziam Desporto e os que trabalhavam na APFG. Como o CITG e a APFG eram entidades da administração colonial portuguesa, parece coerente que o discurso da última tenha sido reproduzido e apoiado pelo boletim – como, aliás, se dava com as falas de outros braços do Estado português. No que diz respeito ao futebol, o veículo subscrevia o ponto de vista segundo o qual a APFG trabalhava para fomentar a modalidade no território guineense (a multiplicidade de discursos e o lugar do boletim são abordados no item 4.3) e inseria a si mesmo como um novo agente a colaborar com o processo (conforme visto na citação que abre o item 2.3)²⁹.

Em linhas gerais, a presença do esporte no jornal corrobora o argumento de que, à parte as “instituições coloniais”, as associações particulares – entre elas, os clubes – foram importantes locais de realização das atividades esportivas (Domingos, 2011; Marzano e Nascimento, 2013)³⁰. Identifiquei a existência de nove clubes principais: Ancar, Benfica (Sport Bissau e Benfica), Nuno Tristão, Sacor (Grupo Desportivo e Recreativo da Casa do Pessoal da Sacor), Sporting (Sporting Clube da Guiné Bissau), Sporting de Bafatá (Sporting Clube de Bafatá), Ténis Clube, UDIB (União Desportiva Internacional de Bissau)³¹ e Ultramarina. Dez outros disputaram o Campeonato do Defeso: Académica, Bairro da Ajuda, Bananas, Belenenses, Boavista, Dom Fafe, Inter, Lusitano, Marabú, Porto (Correia, 04 ago. 1968, p. 11). Percebe-se a importância dos clubes metropolitanos ao observar a escolha dos nomes das associações e no fato de algumas, como o Sport Bissau e Benfica, serem filiais daquelas – no caso, a “filial n. 13 do Benfica Metropolitano”.³² De acordo com Domingos (2011), três fatores aproximavam as agremiações metropolitanas da população guineense:

a rede de filiais destes clubes, as ocasionais mas festivas digressões às colônias, e a cobertura mediática dos seus feitos desportivos instigaram a formação de uma perene narrativa desportiva metropolitana que se expandiu rapidamente para fora do universo colono e que persiste (Domingos, 2011, p. 86).

Algumas agremiações mudaram de nome desde a independência, conquistada em

26 *Notícias da Guiné*, n. 01, 21 abr. 1968, p. 05.

27 *Notícias da Guiné*, n. 36, 29 set. 1968, p. 05.

28 Por exemplo, a convocação – assinada e com terminologia típica deste tipo de documento – para uma reunião da APFG foi reproduzida no boletim. *Notícias da Guiné*, n. 10, 26 mai. 1968, p. 11.

29 A relação entre as duas entidades é uma questão a ser aprofundada em estudos subsequentes, dependendo da disponibilidade de fontes. Tal análise poderia explorar a possibilidade de haver fissuras e divergências com relação à administração do esporte.

30 Malgrado a precariedade apontada pelos trabalhos citados, havia espaços para a prática esportiva fora destas instituições e associações (o que, em regra, escapa à cobertura do jornal).

31 Milheiro (2012) coloca a UDIB entre as “importantes realizações, decorrentes da iniciativa privada, que também aqui se instalam”, referindo-se à cidade de Bissau durante o governo de Sarmiento Rodrigues. Ver também Melo (2011a).

32 Os 24 anos do Sport Bissau e Benfica. *Notícias da Guiné*, n. 11, ano 1º, 30 mai. 1968, p. 07. Sobre as filiais nas colônias, ver Domingos (2011). Sobre sua manutenção no pós-independência, ver Melo e Bittencourt (2013). Embora diversos trabalhos citados sobre o esporte nos países africanos lusófonos mencionem a existência de filiais e apresentem vários exemplos, nenhum explica como se davam as relações entre filiais e sede, bem como as implicações, para um clube africano, de ser filial de um clube metropolitano.

1974, mas a presença portuguesa permanece nos nomes de outras e no fato de que, nos países africanos que têm o português como língua oficial, é comum o desempenho dos times da antiga metrópole ser acompanhado com mais interesse que o campeonato local (Melo; Bittencourt; Nascimento, 2010; Melo, 2011b).

O Campeonato Guineense 1968-1969 reuniria seis times da capital e um do interior, o Nuno Tristão, da cidade de Bula, a qual, segundo o *Boletim*, “vive[u] momentos febris com a preparação de sua primeira equipa de futebol”.³³ A edição seguinte trouxe entrevistas com os técnicos dos times e um anúncio pomposo: “o cenário do Estádio Municipal Sarmiento Rodrigues abre as suas portas de par em par para receber, com as devidas ‘galas’, Sua Alteza Real – o futebol” (Correia, 03 nov. 1968, p. 05).

Como se pode perceber, a modalidade despertava grande interesse³⁴. Para isto contribuíram tanto as transmissões radiofônicas locais quanto as de “jogos do campeonato metropolitano”, realizadas pela Emissora Nacional (Domingos, 2011, p. 100). Tal interesse se materializava no comparecimento às partidas: “O Provincial de futebol tem deixado nas bilheteiras do Estádio Sarmiento Rodrigues compensação bastante agradável, a beneficiar os clubes que tanto necessitam de ver os seus cofres bem recheados.”³⁵ Embora não tenha sido possível levantar informações sobre a receita das agremiações, pode-se supor que as bilheterias respondessem por parcela significativa dela. O afluxo de público era celebrado como evidência do sucesso do futebol e da paixão que despertava no povo guineense. Uma matéria sobre o Campeonato do Defeso afirma: “o cenário do Estádio Sarmiento Rodrigues, todas as tardes de Sábados e Domingos, tem dominado as atenções gerais, atraindo imenso público que não se cansa de aplaudir e incitar seus ídolos.”³⁶

3.3.1. O Estádio Sarmiento Rodrigues

O principal complexo esportivo situava-se no estádio Sarmiento Rodrigues, nomeado em homenagem ao ex-governador da província “a quem o desporto guineense muito deve”.³⁷ Inaugurado em 1948, foi construído durante o período em que o oficial da Marinha governou a Guiné.

Realizavam-se no estádio tanto cerimônias de natureza esportiva quanto política. Cito três exemplos: a) uma das festas de despedida do general Arnaldo Schulz, quando deixou o cargo de governador³⁸; b) a celebração do dia de Portugal, que incluiu um festival com exibição de atividades ginásticas³⁹; c) o Dia da Mocidade⁴⁰. Cada um destes eventos era noticiado como uma celebração dos vínculos entre a população local e Portugal, recebendo elogios. Normalmente a cobertura tinha várias fotos.

O estádio incluía instalações para a prática de outras modalidades (Melo, 2011a)⁴¹. Contava com quadras de basquete com iluminação – permitindo jogos noturnos (o que se pode verificar em fotos rememorando “quando ainda se jogava, à noite, nos

³³ *Notícias da Guiné*, n. 39, 27 out. 1968, p. 03.

³⁴ No caso da metrópole, destaca-se o período áureo vivido nos anos 1960 tanto pela seleção portuguesa quanto pelo Benfica, importante clube lisboeta.

³⁵ *Notícias da Guiné*, n. 42, 24 nov. 1968, p. 06.

³⁶ CORREIA, Carlos. O Campeonato do Defeso. *Notícias da Guiné*, n. 31, 25 ago. 1968, p. 13.

³⁷ *Notícias da Guiné*, n. 38, 20 out. 1968, p. 05.

³⁸ O uso de estádios para celebrações políticas foi notável durante o Estado Novo português (Drumond, 2014).

³⁹ *Notícias da Guiné*, n. 15, 13 jun. 1968, p. 05.

⁴⁰ *Notícias da Guiné*, n. 44, 08 dez. 1968, p. 01.

⁴¹ Para mais informações sobre a relação entre Rodrigues, a política colonial portuguesa e o esporte, ver Melo (2011a).

campos do Estádio ‘Sarmiento Rodrigues’⁴² – e sediava “exercícios de destreza” militar, como rastejar no chão para passar sob cordas ou correr carregando armas⁴³. Nele foi realizada ainda uma “gincana automóvel”⁴⁴.

A aprovação de um regulamento para o uso do estádio foi saudada:

Entre outras coisas, regula o pagamento de taxas para a prática de várias modalidades, entre as quais o Tênis.

Os tenistas da cidade estão de parabéns pois agora, pagando as taxas devidas, vão com certeza ver satisfeito um desejo antigo – o do arranjo dos pisos dos cortes, realmente em estado deplorável e impróprio para a prática da atividade (Notícias da Guiné, n. 34, 15 set. 1968, p. 09).

O trecho era uma transcrição do *Boletim Oficial*. Palco principal da prática esportiva na colônia, ainda assim contava com instalações relativamente precárias, segundo o boletim vez ou outra afirmava. O estabelecimento de taxas para a realização de atividades esportivas é tratado como uma possibilidade de melhoria na qualidade “deplorável” das instalações, o que sugere escassez de recursos para manutenção.

Como afirmei, as fontes pesquisadas raramente abordam aspectos econômicos da prática esportiva. Uma das exceções foi uma nota afirmando que “a APFG solicitou da Câmara Municipal de Bissau para ser limitado o número de vendedores ambulantes de refrescos, no Estádio ‘Sarmiento Rodrigues’, e a conveniência dos mesmos se apresentarem devidamente fardados ou identificados”⁴⁵. O texto diz respeito a uma divisão de tarefas entre entidades estatais. Pode-se presumir que, devido ao que considerava uma grande quantidade de vendedores – e/ou ao comportamento de alguns deles –, a federação solicita providências à administração da cidade, à qual pertencia o estádio.

3.2. Demais modalidades

A maioria das modalidades só aparece em fotos isoladas, ou seja, sem relação com os textos da seção. Parece razoável supor que a prática delas fosse menos regular que a do futebol. Sendo assim, sua presença no boletim, por meio de imagens, tinha função de registrar a diversidade da prática esportiva local, ainda que parca cobertura lhe fosse dedicada. Em meio à presença marcante do futebol, que praticamente monopoliza as atenções, as fotos das modalidades convertem-nas em algo quase exótico, devido à falta de informações, à falta de cobertura regular e ao tom saudosista e cifrado das legendas. Entre fotos e/ou textos, houve referências a doze⁴⁶: automobilismo (“gincana automóvel”), autorama, basquete, caça, ciclismo, corrida de cachorros, ginástica, hóquei sobre patins, luta indígena, luta livre (em Angola), natação, tênis, além de um “passatempo desportivo” que instruía o leitor a “preencher os pontinhos com letras e formar 16 modalidades esportivas”⁴⁷.

Um dos raros textos sobre as modalidades, abordando o ciclismo, sugeria:

É este o tempo, pela Europa fora, das provas velocipédicas de maior cartel pois os futebóis e outras modalidades desportivas estão em descanso.

E na Guiné? Não poderia ser feito um pequeno esforço para montar, rápida-

⁴² Notícias da Guiné, n. 19, 27 jun. 1968, p. 06.

⁴³ Notícias da Guiné, n. 18, 23 jun. 1968, p. 07.

⁴⁴ Notícias da Guiné, n. 17, 20 jun. 1968, p. 09.

⁴⁵ Notícias da Guiné, n. 02, 28 abr. 1968, p. 07.

⁴⁶ Referindo-se às duas décadas anteriores, Melo (2011a) elenca nove (incluindo o futebol).

⁴⁷ Notícias da Guiné, n. 28, 04 ago. 1968, p. 11.

mente, duas ou três provas, embora de fracos tempos mas com certeza eficientes como propaganda velocipedica? É tudo questão de boa vontade, pois os clubes estão agora parados e mais tempo têm para debruçar-se sobre o ciclismo. Pois aqui fica o aivitre [sic] para quem de direito ou de iniciativa. Associação, clubes, regimentos ou Casas Comerciais (Ciclismo..., 28 jul. 1968, p. 11).

O trecho permite algumas inferências. Primeiro, sobre dois aspectos das relações entre as distintas modalidades esportivas. Um, a hierarquização: as férias futebolísticas⁴⁸ são um *motivo* ou *causa* para a realização das provas ciclísticas e para que recebam maior cobertura no noticiário. Outro, a sazonalidade: em geral, os calendários das competições esportivas têm ciclos anuais⁴⁹, estruturados em função das estações do ano (ou, ao menos, considerando-as) e de marcos sociais como as férias. Desta forma, o período de verão no hemisfério norte corresponde às férias do futebol e, em parte pela expectativa de temperaturas altas e tempo bom, é quando acontecem provas de ciclismo como a Volta da França. Segundo, quanto ao tom, trata-se de um texto claramente pessoal, embora sem assinatura. O desejo enunciado não necessariamente reflete os sentimentos de um praticante e/ou espectador do ciclismo. É possível que se trate de um comentário de alguém que, da Guiné, recebe notícias sobre as voltas europeias (Itália, França, Espanha, Portugal etc.), considera-as interessantes e gostaria de ver ao menos uma prova realizada *in loco*. Terceiro, a última frase indica quatro tipos de entidades que poderiam organizar competições ou eventos esportivos.

Já a divulgação de um campeonato de tênis organizado pelo CITG deixou claro o propósito de unir a prática esportiva aos interesses metropolitanos:

Está em organização um Torneio de Tenis que se chamará de “Fotografia e Turismo”, organizado pelo Centro de Informação e Turismo com a colaboração dos Fotógrafos da Província e representantes de vários materiais fotográficos estrangeiros. [sic]

Haverá singulares e pares distribuídos por duas categorias. Será feito um esforço para, dentro das medidas do possível, se fazerem jogos nos ‘cortes’ fora de Bissau, para se propiciarem excursões que dêem boas fotografias turísticas da Província, que depois de apreciadas por júri, terão prêmios e Taças (Tênis..., 04 ago. 1968, p. 11).

Destaco o objetivo explícito de estimular os fotógrafos a saírem da capital e viajarem pela Guiné, para conhecê-la e produzir material que pudesse ser utilizado para promoção turística. Além disso, parece tratar-se de uma iniciativa de relações-públicas do órgão, com o intuito de estabelecer e/ou aprofundar laços com os jornalistas que realizavam a cobertura fotográfica na colônia. É possível lançar algumas indagações para pesquisas futuras: como, exatamente, se dava a “colaboração”? Por que o tênis? Seria esta modalidade praticada regularmente pelos fotógrafos?

3.3. Fotos

Órgão oficial de uma entidade vinculada ao governo colonial, o jornal afirmava constantemente a indistinção entre Portugal e a Guiné. Em *Desporto*, isto ocorria sobretudo através das fotos e das legendas. Por exemplo, numa aparecem jogadores negros (maioria) e brancos entrando em campo, perfilados no mesmo time. A legenda diz: “o *Desporto* é assim... Mensagem de fé, amizade e camaradagem”⁵⁰. Em outra edição, uma foto exibe dois homens lutando. Têm o corpo pintado e usam pulseiras,

⁴⁸ E de outras modalidades, mas, principalmente, do futebol.

⁴⁹ Com exceção de competições cujos ciclos costumam durar entre dois e quatro anos: jogos olímpicos; campeonatos e jogos mundiais; campeonatos e jogos continentais.

⁵⁰ *Notícias da Guiné*, n. 01, 21 abr. 1968, p. 05.

tornezeiras e adornos corporais. A legenda: “Luta! Cena que se repete com calor e entusiasmo por essa Guiné em fora. Poderia também ser em qualquer ponto da Metrópole mas havia que mudar o cenário e tudo o mais!”⁵¹ As frases apontam a inconsistência interna do discurso: a cena poderia acontecer na metrópole, desde que mudasse “tudo”.

Numerosas fotos apresentam negros e brancos participando de atividades físicas juntos, inclusive em exibições por ocasião de visitas de autoridades políticas⁵². Outras simplesmente explicam lances/jogadas de uma determinada modalidade, ou fazem louvações genéricas ao esporte: por exemplo, uma foto exhibe dois jogadores de futebol saltando para cabecear a bola, com a legenda: “o Desporto tem de ser escola de virtudes. Eis uma fase em que a luta é viril mas desportiva”⁵³; legenda de outra foto: “Futebol e sua magia – apenas a bola e o golo preocupam os seus praticantes.”⁵⁴ Este tipo de legenda constitui um elogio da prática desportiva e, talvez, uma evasão de outros temas. Afinal, fora do campo havia motivos – como a luta armada – para preocupação. Pode-se afirmar que as legendas das fotos, quando retratavam o esporte na Guiné⁵⁵, em geral tinham um tom otimista (ressaltando benefícios da prática esportiva, como citado nos parágrafos anteriores) ou saudosista, como nesta legenda da imagem de um jogo de basquete: “No tempo em que havia desporto nocturno no Estádio Sarmento Rodrigues!”⁵⁶

O uso deste tipo de imagem que não remete a um acontecimento específico – nem aos demais textos da página – talvez possa ser explicado por dois motivos: a) a falta de fotos para ilustrar as notícias dos resultados da metrópole; b) outrossim, o desejo utilizar imagens para ilustrar/compor a página. Com isso, lançava-se mão de um arquivo – possivelmente do CITG – com imagens genéricas do desporto na província, que eram publicadas sem informações precisas. Em outras palavras, o sentido da publicação da maioria destas imagens era antes ilustrativo que jornalístico.

Feita esta apresentação abrangente do esporte no boletim, a segunda parte do artigo foca os aspectos políticos da cobertura esportiva, articulando-a com a produção historiográfica sobre o esporte nos países africanos de língua oficial portuguesa.

4. Esporte e política: colonialismo e guerra colonial⁵⁷

4.1. Esporte e colonialismo

Alguns historiadores vêm trabalhando com a noção de que o esporte – particularmente a criação de associações recreativas como os clubes – foi um lócus de agrupamento político em meio à repressão da ditadura portuguesa: “vista a feição ditatorial do Estado Novo português (1933–1974) e da administração colonial, a imprensa e o associativismo político foram substituídos pelo associativismo desportivo, ainda assim com um papel nas mudanças sociais e políticas” (Marzano e Nascimento, 2013, p. 54). Giulianotti (2010, p. 16) aponta um motivo complementar: “o elevado status

⁵¹ *Notícias da Guiné*, n. 11, 30 mai 1968, p. 05.

⁵² *Notícias da Guiné*, n. 03, 02 mai. 1968, p. 05.

⁵³ *Notícias da Guiné*, n. 05, 09 mai. 1968, p. 05. Esta notícia foi publicada fora da seção Desporto (na seção Cidade – Pessoas e Factos).

⁵⁴ *Notícias da Guiné*, n. 05, 09 mai. 1968, p. 05.

⁵⁵ Havia também as fotos que mostravam atletas metropolitanos ou estrangeiros, sobretudo alemães.

⁵⁶ *Notícias da Guiné*, n. 38, 20 out. 1968, p. 05.

⁵⁷ Segundo Milheiro (2012), a guerra colonial tem três focos: Angola (1961), Guiné (1963) e Moçambique (1964). Em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, travam-se outros tipos de militância independentista, que excluem o conflito armado. Ver também Melo e Bittencourt (2012).

do esporte entre regimes coloniais africanos garantiu que ele desempenhasse uma posição-chave na luta de movimentos anticoloniais e nacionalistas”.

De acordo com Melo (2011a, p. 223), tal foi o caso da Guiné-Bissau: “o clube⁵⁸ fora concebido como uma estratégia para gerar um espaço para a realização de atividades políticas, em um momento em que estava restrita a possibilidade de reunião”. Tal intenção foi identificada pelo governo português, que negou o pedido de autorização para o funcionamento da agremiação⁵⁹. Boa parte de seus membros se engajaria posteriormente no Partido Africano para a Independência da Guiné e de Cabo Verde (PAIGC), que liderou a luta armada em território guineense.

Nesta discussão, importa menos identificar *a que(m) serve o esporte* do que *quem tenta mobilizá-lo, e para que propósitos*. Subscrevo o ponto de vista de Melo e Bittencourt (2012):

Na análise do fenômeno, parece prudente tomar alguns cuidados: perceber o quanto as agremiações esportivas foram mesmo utilizadas como alternativas políticas, prospectando com acuidade se determinadas posições contemporâneas não exacerbam essa compreensão por construir uma narrativa heroica sobre o passado; não desprezar o fato de que grande parte dos que se envolveram com os clubes estava mesmo prioritariamente interessada na diversão oferecida; considerar que, mesmo para os que tinham uma intencionalidade política clara, o aspecto do divertimento era também importante; ter em conta que interpretações lineares ou diametrais (que reproduzem o modelo “dominação ou subversão”) pecam por não captar o objeto em sua complexidade (Melo; Bittencourt, 2012, p. 215).

Como este artigo se debruça sobre um veículo estatal, não explora os usos do esporte para fins anticoloniais – de resto, talvez o único tema razoavelmente coberto pelos trabalhos citados na bibliografia. De qualquer forma, cabe situar o debate e as visões usualmente lançadas sobre o fenômeno esportivo, quando se trata dos estudos africanos.⁶⁰

Desde o final da Segunda Grande Guerra, Portugal vinha recebendo muitas críticas no plano internacional. Elas subiram de tom após a insistência da ditadura salazarista em se recusar a negociar com os movimentos de libertação, que deram início às guerrilhas (Melo; Bittencourt, 2013). O esporte foi um dos fenômenos sociais que o governo português buscou instrumentalizar para melhorar sua imagem, tanto interna quanto externamente, sobretudo a partir dos anos 1950⁶¹,

quando os movimentos de libertação das colônias levariam os ideólogos do regime salazarista a defender que Portugal não tinha colônias na África, mas sim “províncias ultramarinas”, e que não havia nenhum tipo de discriminação, nomeadamente a racial, nos territórios portugueses. Tal situação geraria a inibição de referências à cor na imprensa e nos documentos oficiais, favorecendo a valorização de equipes esportivas multirraciais e o destaque à participação

58 Clube Recreativo e Desportivo de Bissau, fundado em 1954 por Amílcar Cabral.

59 Melo e Bittencourt (2012, p. 208) analisaram a vigilância da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (Pide) sobre clubes que agregavam africanos em Portugal, Angola e Cabo Verde entre as décadas de 1940 e 1960. Segundo os autores, “processo semelhante de controle dos clubes desportivos, por parte da Pide, pode ser identificado em Moçambique e Guiné-Bissau”. De acordo com Melo (2011a, p. 221-2), “muitos clubes mantinham-se fechados aos ‘indígenas’, os naturais da terra”. Dada esta situação, as agremiações que reuniam negros e mulatos eram particularmente visadas.

60 Sobre os estudos do esporte na África, ver Giulianotti (2010) e Vidacs (2010). Sobre os estudos do esporte nos países africanos de língua oficial portuguesa, ver Marzano e Nascimento (2013).

61 Em 1951, foi revogado o “Ato Colonial, um dos sustentáculos da política salazarista”. Com isto, as colônias foram transformadas em “províncias ultramarinas”, uma “estratégia de ajuste retórico que reforçava a falsa ideia de um ‘colonialismo diferente’” (Melo; Bittencourt, 2012, p. 193).

de africanos em equipes e competições da metrópole (Marzano; Nascimento, 2013, p. 58).

Como venho argumentando, boa parte das representações do esporte construídas pelo boletim apontam nesta direção.

Os campeões de futebol das colônias disputavam as eliminatórias da Taça de Portugal.⁶² No início da temporada 1968-1969, a perspectiva de participação no torneio por parte do vencedor foi noticiada com pompa⁶³. Desde 1960, o vencedor de uma disputa entre o campeão de Angola e o de Moçambique se classificava para a Taça (Bittencourt, 2010). Para Melo (2011a, p. 221), “tratava-se de mais uma estratégia adotada pelo governo português para explicitar que considerava os territórios ultramarinos como parte efetiva do país, em um momento em que Portugal estava sendo cada vez mais pressionado para romper seus laços coloniais”. Mas era, também, “a conquista de uma antiga reivindicação”, “que frequentava os jornais angolanos desde o ano de 1953” (Melo; Bittencourt, 2013, p. 78; Bittencourt, 2010, p. 124).

Isto também ocorria em modalidades como o handebol e o basquete, com os campeões ou representantes das colônias viajando para a metrópole para disputar competições nacionais (Domingos, 2011, p. 88). A proposta de criação dos Jogos Juvenis do Espaço Português, elogiada pelo boletim, fazia parte da mesma lógica:

A ideia da realização dos Jogos Juvenis do Espaço Português foi do Tenente Coronel Lélío Ribeiro, aos microfones da Emissora Nacional, no sábado passado. Aplaudimos e achamos uma ideia maravilhosa. Para tal, todos os municípios, que o pudessem fazer na metrópole e no ultramar, realizariam os seus jogos juvenis para depois se apurar uma representação da metrópole e de cada província ultramarina. Os jogos disputar-se-iam de 4 em 4 anos, em Angola, Moçambique, Guiné, metrópole, Cabo Verde etc (Silva, 11 jul. 1968, p. 07).

Tais medidas se inseriam no contexto mencionado antes, de organização e estímulo à prática esportiva por parte do governo português, inclusive nas colônias, levado a cabo através da criação de órgãos, legislação, mecanismos de financiamento (via loterias, por exemplo) etc. De acordo com Melo e Bittencourt (2013):

Não era incomum que equipes das colônias se sagrassem vitoriosas em contendas nacionais, por vezes até mesmo em competições disputadas na Europa. Essas ocasiões eram celebradas como sinais de que os territórios ultramarinos estavam integrados e de que Portugal efetivamente contribuía para sua civilização (Melo; Bittencourt, 2013, p. 77).

Por fim, cabe notar que atletas que se destacavam nas colônias às vezes passavam a competir internacionalmente representando Portugal.

4.2. Esporte e guerra colonial

A partir de junho, aparecem, de forma mais clara, notícias da guerra, como fotos de “terroristas” presos. Por um lado, o boletim demonizava os insurgentes. Por outro, trazia textos e fotografias que buscam mostrar de forma positiva a atuação dos portugueses, através de atividades como ensino técnico profissionalizante e alfabetização. O esporte entra neste terreno, como um elemento de integração viabilizado pela presença portuguesa. Referindo-se às representações do esporte numa série de selos lançada por Portugal em 1962, Melo (2012b) sintetiza essa mobilização do fenômeno:

⁶² Campeonato anual em formato mata-mata contando com clubes de várias divisões.

⁶³ Notícias da Guiné, n. 37, 06 out. 1968, p. 05.

A representação construída é a de que Portugal era o mensageiro do progresso, da civilização, do desenvolvimento. Mais ainda, sua intervenção teria supostamente respeitado as peculiaridades locais, promovendo encontros culturais que teriam forjado um ente superior que caminharia para dar fim ao atraso do chamado indígena (Melo, 2012b, p. 436).

Como já discutido, a exaltação dos benefícios da administração portuguesa fazia parte do discurso estatal que buscava legitimar a manutenção das colônias. No caso da Guiné, isto ocorreu particularmente durante o governo de Sarmento Rodrigues, entre 1945 e 1949 (Melo, 2011a).

A deflagração da guerra colonial impactou profundamente a prática esportiva.⁶⁴ Evidências deste quadro estiveram presentes em *Notícias da Guiné*. Houve edições em que todo o noticiário esportivo era dedicado à metrópole – ou seja, desaparecia a subseção Da Guiné.⁶⁵

A maior parte das referências à situação política difícil não aparecem nas notícias principais de esportes, mas nas legendas das fotos que ilustram a seção. Por exemplo, numa edição sem notícias esportivas da Guiné, uma foto mostra 12 garotas com o uniforme de um time de basquete, com a legenda: “A Mocidade Portuguesa da Guiné foi sempre esteio forte no desporto. Assim continuará sempre”⁶⁶. Em outra edição, uma foto onde aparecem negros marchando traz a legenda: “E a Mocidade Portuguesa foi ao Estádio garantir a continuidade de Portugal.”⁶⁷

Creio que tais falas podem ser interpretadas de duas formas. A primeira, mais óbvia, se tomada em sentido literal: a Mocidade continuaria apoiando o esporte. A Mocidade Portuguesa e a Mocidade Portuguesa Feminina, entidades voltadas para a juventude criadas pelo governo português na década de 1930, mantinham estreita relação com o esporte (Drumond, 2014; Melo e Bittencourt, 2013).

Contudo, a afirmação de que “continuará sempre” sugere haver dúvida ou ameaça quanto a isso. Outras passagens sobre o basquete⁶⁸ têm conteúdo semelhante: “os campos desportivos, onde á [sic] noite se escreviam páginas de muito entusiasmo e proveito, continuam vazios. Oxalá tudo se remedeie o mais breve possível”⁶⁹; “imagem dum desporto que não existiu esta época”⁷⁰⁷¹.

Ou seja, é evidente que um problema afeta a prática do esporte, mas o jornal não explicita qual é. Os textos trazem notícias do campeonato português de futebol, ao passo que as fotos que ilustram a página remetem a um passado positivo em contraposição ao presente problemático.

Tendo em conta este cenário, tais legendas mostram a possibilidade de fissuras na unicidade discursiva, assinalando problemas estruturais. Na medida em que a reflexividade raramente ocorre nos produtos jornalísticos – *Notícias da Guiné* não é exceção

⁶⁴ *Notícias da Guiné*, n. 12, 02 jun. 1968.

⁶⁵ Embora os dados disponíveis até o momento sejam escassos, é possível apontar a redução no número de associações esportivas como uma das consequências. De acordo com Domingos (2011, p. 96-7), havia “pelo menos 11 núcleos desportivos” na Guiné em 1955. [...] Em 1973, o número de clubes caíra para oito”.

⁶⁶ *Notícias da Guiné*, n. 34, 15 set. 1968, p. 05.

⁶⁷ *Notícias da Guiné*, n. 04, 05 mai. 1968, p. 03.

⁶⁸ Notei que não houve notícias sobre basquete, embora muitas fotos da modalidade tenham ilustrado a seção – sempre se referindo ao passado. O mesmo ocorre com outras modalidades, como a ginástica.

⁶⁹ *Notícias da Guiné*, n. 16, 16 jun. 1968, p. 07.

⁷⁰ No português de Portugal, *época* significa o que chamamos de *temporada*.

⁷¹ *Notícias da Guiné*, n. 16, 16 jun. 1968, p. 07.

⁷²—, é impossível saber se a ausência de notícias sobre o esporte em diversas edições do segundo semestre se deve à diminuição/interrupção desta prática (por causa da guerra colonial e/ou por outros motivos), a uma opção editorial e/ou às dificuldades materiais do próprio veículo para realizar a cobertura.

A análise de Melo (2011a) reforça a primeira hipótese:

quando a guerra colonial foi desencadeada, a vida esportiva na Guiné sentiu os impactos. Em função dos conflitos armados, reduziram-se o número e o porte dos campeonatos, já que os clubes não podiam mais percorrer com segurança a província. Para além disso, muitos jogadores se engajaram nas lutas [...] (Melo, 2011a, p. 222).

Numa edição que dedicou amplo espaço à guerra, Desporto trouxe exclusivamente notícias da metrópole, incluindo escalões de jogos de seleções de Portugal nos anos 1940 e informações sobre clubes portugueses, como data de fundação e títulos conquistados, sob o título “Conheça o seu clube”.⁷³ Como vimos argumentando, o foco exclusivo na metrópole talvez se deva à *falta de notícias e/ou de acontecimentos esportivos noticiáveis* na Guiné. Mas pode também indicar o esforço para reforçar os vínculos com Portugal presente em outras seções, conforme comentado anteriormente. No mesmo mês, as letras dadas para início do “passatempo desportivo” formam, na vertical, “Guiné Portuguesa”.⁷⁴

4.3. Lugar do boletim

Aqui cabe refletir sobre o lugar do periódico: um veículo estatal, publicado por um órgão da administração colonial e impresso na gráfica oficial. Embora inexistam informações sobre as condições de produção do boletim, parece razoável supor que a maioria – senão todos – os que o elaboravam fossem funcionários da administração colonial. Isto apontaria para uma convergência de posições, ao menos no que diz respeito ao desporto, entre os planos pessoal, profissional e político: apoiar a presença portuguesa e mostrar seus aspectos positivos. Há ainda a recepção, sobre a qual também tenho informações: é razoável supor que a maioria dos leitores a quem *Notícias* se dirigia estivesse vinculada à administração colonial.

Por mais que buscasse apresentar a situação do esporte de forma positiva, o contraste com um passado *superior* – como visto na seção anterior – aponta para a existência de problemas em 1968. Na verdade, com frequência, a cobertura enquadrava o esporte destacando a precariedade em que era praticado. Segundo uma nota, “o Desporto local está um caos. Zangaram-se as ‘comadres’ e tudo veio ao de cima. Concluiu-se, de forma categórica, que muitos o que faziam e fazem é retalhar, esfrangalhar, o já de si enfraquecido Desporto guineense”⁷⁵. O texto se refere a acusações de má intenção por parte da arbitragem em certas partidas e a cartas encaminhadas ao jornal com as partes criticando umas às outras. Adiante, a seção transcreve decisões do Comunicado n. 87 da APFG, como punição a jogadores, recebimento de ofícios etc.⁷⁶

O boletim exercia um papel de mediação, pois nele apareciam algumas das vozes participantes do futebol guineense. Tal arena, evidentemente, não é neutra. As falas

⁷² Isto pode ser notado, por exemplo, em relação à irregularidade da periodicidade – na maioria das vezes, não há menção/explicação para o ocorrido.

⁷³ *Notícias da Guiné*, n. 12, 02 jun. 1968, p. 11.

⁷⁴ *Notícias da Guiné*, n. 16, 16 jun. 1968, p. 07.

⁷⁵ *Notícias da Guiné*, n. 20, 30 jun. 1968, p. 07.

⁷⁶ *Notícias da Guiné*, n. 20, 30 jun. 1968, p. 11.

privilegiadas são a dos próprios agentes que fazem o veículo e as da entidade que organiza a modalidade.

Diversas notas e notícias reproduziam informações divulgadas pela APFG, o que significa que, na prática, *Notícias da Guiné* funcionava também como um veículo para disseminação de informações e de diretrizes por parte da associação. Por exemplo, quando informa que “o atleta do Sporting, Joaquim Alves, foi louvado pela APFG pelo auxílio prestado na defesa da equipa de arbitragem quando esta foi apedrejada em 23 de Março findo”⁷⁷. Ao tratar do “eterno problema das arbitragens” (Canhão, 15 set. 1968, p. 05), o texto tem também um papel prescritivo, referendando um comportamento considerado *adequado*. Há casos em que se noticiam punições para quem age de maneira *inadequada*, como o técnico do Benfica, “por ter feito públicas referências contra o bom nome dos árbitros”⁷⁸.

Em 20 de outubro, publicou regras sobre “numeração das camisolas dos jogadores” e substituição de atletas durante as partidas, a partir “duma palestra proferida pela A.P.F.G.” intitulada “Futebol sem correção não é desporto”⁷⁹. Cerca de um mês depois, a reportagem sobre a primeira rodada da temporada 1968-69 termina com um texto intitulado “Substituição de jogadores”, reproduzindo novamente regras para substituições – e dando a entender que houve erro(s) nas partidas inaugurais⁸⁰.

Ao mesmo tempo que revela aspectos da precariedade vigente, o boletim preocupava-se em registrar e elogiar as iniciativas para melhorar a situação do esporte na Guiné: “por uma melhor arbitragem no Ultramar” (Canhão, 06 out. 1968, p. 05); o “fomento desportivo” por meio da “distribuição gratuita, pelos clubes seus filiados, de bolas para a prática do futebol”⁸¹; “os trabalhos de melhoramento dos pisos do campo principal de futebol e do de treino”, bem como a construção de “um novo campo de treinos na parte Sul do Estádio”. Tratava-se, pois, de evidenciar os esforços da administração portuguesa para estimular o esporte.⁸²

5. Considerações finais

Este trabalho permite perceber, em primeiro lugar, o lugar de destaque dado ao esporte no boletim. Isto pode ser percebido pelo espaço ocupado no jornal, mas também pela insistência em tratar do assunto, inclusive quando as notícias sobre a prática na colônia se tornam escassas.

Em segundo lugar, a ampla cobertura do futebol. Embora tenha sido possível registrar a existência de dezenas de modalidades na Guiné, é ele que ocupa a maior parte do espaço no boletim e que mais mobiliza a população que lá vivia. Tal parece ser o caso para a prática efetiva (jogar), para assistir *in loco* (como sugerem as notícias sobre comparecimento de público ao Estádio Sarmento Rodrigues) ou para acompanhar as transmissões pela emissora radiofônica estatal.

Fosse registrando “os acontecimentos locais” ou noticiando “os campeonatos e clubes da metrópole”, “as secções especializadas dos periódicos generalistas” contribuíram para aumentar a “popularidade [do esporte] pelos territórios coloniais” (Domingos,

⁷⁷ *Notícias da Guiné*, n. 01, 21 abr. 1968, p. 05.

⁷⁸ *Notícias da Guiné*, n. 01, 21 abr. 1968, p. 05.

⁷⁹ *Notícias da Guiné*, n. 38, 20 out. 1968, p. 09.

⁸⁰ *Notícias da Guiné*, n. 41, 17 nov. 1968, p. 05.

⁸¹ *Notícias da Guiné*, n. 37, 06 out. 1968, p. 05.

⁸² *Notícias da Guiné*, n. 39, 27 out. 1968, p. 03.

2011, p. 99)⁸³. Tal foi o caso de *Notícias da Guiné*. Em meio às condições precárias, a prática esportiva empolgou os comunicadores e, pelo que informam as fontes e a historiografia, o público.

Entretanto, a própria natureza da fonte coloca limites à análise. Como discutido, ela tende a cobrir apenas o esporte formal, praticado no plano das instituições e espaços da administração colonial. Neste âmbito, há questões a aprofundar em estudos subsequentes, a depender da disponibilidade de fontes: por exemplo, as relações entre o Centro de Informação e Turismo da Guiné e a Associação Provincial de Futebol da Guiné.

Mobilizado pelo colonizador, o esporte foi também apropriado pelos africanos, que tomaram para si a prática esportiva e passaram a ver nela algo muito distinto – e mais amplo – do que uma simples imitação ou imposição. Diversos agentes sociais praticavam o esporte e se interessavam por ele, “atividades muitas vezes ocultadas pela verdade estatística e pela narração jornalística”. De acordo com Domingos (2011, p. 91), “na Guiné realizavam-se competições, mais ou menos organizadas, pelo interior do território e nas margens das cidades, em contextos missionários, junto de empresas, ou mesmo a partir de pequenas autonomias protoassociativas”. Só será possível investigar esta questão a partir “de uma diversificação de fontes de análise”, que permita dar conta da história a *partir de baixo* (Domingos, 2011, p. 58).

Referências bibliográficas

- BITTENCOURT, Marcelo. **Jogando no campo do inimigo: futebol e luta política em Angola**. In: MELO, Victor Andrade de; BITTENCOURT, Marcelo; NASCIMENTO, Augusto (org.). *Mais do que um jogo: o esporte e o continente africano*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 101-132.
- CANHÃO, Mateus. **Retalhos do Desporto**. *Notícias da Guiné*, n. 19, 27 jun. 1968, p. 10.
- _____. **O eterno problema das arbitragens**. *Notícias da Guiné*, n. 34, 15 set. 1968, p. 05.
- _____. **Trabalhando por uma melhor arbitragem no Ultramar**. *Notícias da Guiné*, n. 37, 06 out. 1968, p. 05.
- CICLISMO da Província**. *Notícias da Guiné*, n. 27, 28 jul. 1968, p. 11.
- CORREIA, Carlos. **Primeiros jogos para o Campeonato do Defeso proporcionaram fases de bom futebol**. *Notícias da Guiné*, n. 28, 04 ago. 1968, p. 11.
- _____, Carlos. **Passatempo desportivo 8**. *Notícias da Guiné*, n. 30, 18 ago. 1968, p. 13.
- _____. **Uma nova época que desponta...** *Notícias da Guiné*, n. 40, 03 nov. 1968, p. 05.
- DOMINGOS, Nuno. **O desporto e o Império Português**. In: NEVES, José, DOMINGOS, Nuno (coord.). *Uma história do desporto em Portugal*. Volume 2. Vila do Conde: QuidNovi, 2011. p. 51-107.
- DRUMOND, Maurício. **Estado Novo e esporte: a política e o esporte em Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1930-1945)**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.
- FORTES, Rafael. **O surfe nas ondas da mídia: esporte, juventude e cultura**. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj, 2011.
- GIULIANOTTI, Richard. **O esporte no continente africano: panorama**. In: MELO, Victor Andrade de; BITTENCOURT, Marcelo; NASCIMENTO, Augusto (org.). *Mais do que um jogo: o esporte e o continente africano*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 13-35.
- HOHLFELDT, Antonio et al. **Imprensa das colônias de expressão portuguesa: visão de conjunto**. *Interin, Curitiba*, vol. 12, n. 2, , p. 1-15, jul.-dez. 2011.
- HOHLFELDT, Antonio; CARVALHO, Caroline Corso de. **A imprensa angolana no âmbito da história da imprensa colonial de expressão portuguesa**. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, vol. 35, n. 2, p. 85-100, jul.-dez. 2012.
- MARZANO, Andrea; NASCIMENTO, Augusto. **O esporte nos países africanos de língua portuguesa: um campo a desbravar**. *Revista Tempo*, Niterói, v. 17, n. 34, p. 53-68, jan.-jun. 2013.
- MELO, Victor Andrade de. **(Des)mobilização para a luta: o esporte como estratégia nos conflitos na Guiné portuguesa (décadas de 50 e 60 do século XX)**. *Métis: história & cultura*, Caxias do Sul, v. 10, n. 19, p. 215-235, jan.-jul. 2011a.

⁸³ A estas seções se somavam os “jornais desportivos”, dos quais não há, na historiografia citada, registro de circulação na Guiné.

_____. **Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do Século XIX e década inicial do Século XX.** In: MARQUES, José Carlos; MORAIS, Osvando J. de (org.). Esportes na Idade Mídia: diversão, informação e educação. São Paulo: Intercom, 2012a. p. 103-124.

_____. **Jogos de identidade: o esporte em Cabo Verde.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2011b.

_____. **Pequenas-grandes representações do Império Português: a série postal “Modalidades Desportivas” (1962).** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 25, n. 50, p. 426-446, jul.-dez. 2012b.

MELO, Victor Andrade de; BITTENCOURT, Marcelo. **Sob suspeita: o controle dos clubes esportivos no contexto colonial português.** Revista Tempo, Niterói, v. 17, n. 33, p. 191-215, dez. 2012.

_____. **O esporte na política colonial portuguesa: o Boletim Geral do Ultramar.** Revista Tempo, Niterói, v. 17, n. 34, p. 69-80, jan.-jun. 2013.

MELO, Victor Andrade de; BITTENCOURT, Marcelo; NASCIMENTO, Augusto (org.). **Mais do que um jogo: o esporte e o continente africano.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MILHEIRO, Ana Cristina Fernandes Vaz. **O Gabinete de Urbanização Colonial e o traçado das cidades luso-africanas na última fase do período colonial português.** Urbe – Revista Brasileira de Gestão Urbana, Curitiba, vol. 4, n. 2, jul.-dez. 2012.

SILVA, Nascimento. **Jogos Juvenis do Espaço Português.** Notícias da Guiné, n. 23, 11 jul. 1968, p. 7.

TÊNIS na Província. Notícias da Guiné, n. 28, 04 ago. 1968, p. 11.

VIDACS, Bea. **O esporte e os estudos africanos.** In: MELO, Victor Andrade de; BITTENCOURT, Marcelo; NASCIMENTO, Augusto (org.). **Mais do que um jogo: o esporte e o continente africano.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 37-69.